ISSN: 2358-8829

CORPOS QUE FALAM: DA TEORIA À PRÁTICA; SABERES DOCENTES RESSIGNIFICANDO A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS COM TEA PELO OLHAR PSICOMOTOR

Alessandra Guimarães dos Santos [1]
Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer [2]
Cintia Tavares Ferreira [3]

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta relatos de experiência centrados nas práticas psicomotoras que ocorrem no contexto da Psicomotricidade Educacional na Educação Básica. As práticas fazem parte de um projeto, desde setembro de 2024, com crianças e pré-adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e que se encontram na etapa escolar do Ensino Fundamental, no Colégio Pedro II – colégio da rede dos Institutos Federais, com 15 *campi* situados no estado do Rio de Janeiro, que atendem estudantes desde a creche até o mestrado. As práticas são realizadas por educadores e psicomotricistas e com a colaboração de psicomotricistas em processo de formação pelo Curso de Especialização em Educação Psicomotora que acontece há 11 anos na mesma instituição. São 4 encontros, uma vez por semana (todas no mesmo dia), em sessões de 1h de duração cada, com grupos de 1 a 10 estudantes em cada.

Para contextualizar a proposta, cabe situar a Psicomotricidade no campo educacional no cenário brasileiro. Essa ciência vem se desenvolvendo no Brasil, notoriamente desde a década de 1980, com a influência inicial de psicomotricistas da Europa, berço desses estudos e práticas. De acordo com a Associação Brasileira de Psicomotricidade, é "a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e

[1] Graduada em Serviço Social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, aleguimaraes01@hotmail.com.
[2] Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, katia.b.schaefer@gmail.com.
[3] Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, cintia.ferreira.1@cp2.edu.br.

orgânicas.” (ABP, 2026, s/p). Para tanto, ela se sustenta “por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto.” (idem).

Com o aprofundamento dos estudos e das práticas nessa área em diferentes países, o conceito vem se ampliando sempre na interface com outras áreas de conhecimento como a Educação e as diferentes linhas da Psicanálise e da Psicologia do Desenvolvimento. Atualmente, o diálogo com as bases da Filosofia da Diferença[4] e, no caso do Brasil, também com as bases das Filosofias dos Povos Originários, vem contribuindo para ampliar ainda mais os estudos e as pesquisas na área e, assim, os movimentos sutis, quase imperceptíveis do corpo, ganham luz nas práticas psicomotoras de tal forma que a qualidade da respiração, da estruturação tônica corporal, dos sentimentos e das expressivas e autênticas formas de ser e agir ganham um espaço de maior atenção e foco na relação com os sujeitos, aprofundando a qualidade do olhar para o corpo em toda a sua amplitude e subjetividade.

Com a filosofia dos povos originários, emerge o olhar e o sentir diante da Natureza[5] presente nos espaços de práticas ou nos próprios ambientes naturais, convidando a outras reflexões sobre o corpo e as relações que ele estabelece consigo, com outros corpos e com o espaço que habita, percebendo que os corpos são partes da Natureza, compondo com outros seres e com os elementos e fenômenos naturais.

Nesse cenário, a Psicomotricidade vem reestruturando sua definição a partir dessas composições com outras ciências, como aponta Schaefer (2024, p. 328):

> A Psicomotricidade é uma ciência que tem por objetivo o estudo e o desenvolvimento do ser humano em sua complexidade, entendendo-o como corpo que não se divide, mas que se forma na unidade de sua subjetividade e de suas relações, para além do seu corpo físico e em movimento e para além de suas capacidades motoras, sempre com o foco na saúde e na alegria. Investe em um corpo naturalmente em busca de autoconhecimento, potência e consciência sensível de sua relação e pertencimento cósmico que, por essa ciência, reintegra os caminhos de cuidado de si, percebendo-se como modo de expressão da natureza; valorizando o corpo que se expressa em suas marcas, couraças, caracteriologias, com identidade própria, jeito único de agir e ser no mundo, podendo aprender a se perceber a partir de gestos mínimos; e desenvolvendo sua sensopercepção nas microrrelações que esse corpo estabelece consigo próprio, com o outro e com o ambiente. Reconhece o corpo como vontade de potência, fio condutor de fluxos de forças que levam o ser humano a pensar e agir no mundo, potencializando-o para que seus pensamentos e ações ocorram de forma criativa, brincante e alegre, na busca

[4] A Filosofia da Diferença é caracterizada por uma linha filosófica que recusa a ideia de representação, identidade ou modelos universais pré-estabelecidos.

[5] Neste texto, a palavra Natureza é escrita propositalmente como nome próprio, por entendermos que ela tem vida, é viva, com sua diversidade singular.

ISSN: 2358-8829

> de ser o que se é e de viver a vida como uma obra de arte em construção contínua.

É nessa perspectiva que desenvolvemos e apresentamos o trabalho realizado no projeto de pesquisa e extensão do Colégio Pedro II, denominado “Práticas Psicomotoras”. Nele, detemo-nos nas observações das relações dos estudantes consigo mesmos, com os outros e com o ambiente e incentivamos para que essas relações aconteçam no jogo simbólico, de forma que expressem seus sentimentos, frustrações e desejos. Essas práticas são pertinentes ao trabalho de Psicomotricidade no campo educacional, com o objetivo de, no ato de brincar, ofertar situações em que os estudantes possam trabalhar seus sentimentos e a qualidade das relações de forma simbólica, leve e segura.

São trabalhadas as dificuldades e as habilidades motoras, sociais, afetivas e cognitivas de forma indissociável, a fim de potencializar a atuação saudável, ativa e segura de cada indivíduo, afirmando seu lugar e sua força vital, a partir da conscientização do seu corpo, autorregulação emocional e conhecimento de suas possibilidades, indo ao encontro do trabalho educacional, principalmente com estudantes que apresentem necessidades socioemocionais específicas.

O projeto ocorre dentro do cotidiano escolar, respeitando os limites da atuação no campo educacional. Por isso as sessões são em grupo e em constante diálogo com professores e outros educadores que trabalham nesse espaço, sem direcionamento clínico. A intervenção psicomotora respeita os contornos das práticas educativas com base em propostas brincantes que propiciam a alegria do convívio, das relações e do equilíbrio do corpo em suas emoções, desejos e possibilidades de ação.

A seleção dos estudantes participantes é realizada conjuntamente com as chefias dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (Napne) de cada *campus* do Colégio Pedro II, para que possamos priorizar o atendimento a esse grupo de estudantes. Cabe esclarecer que a Psicomotricidade não restringe sua atuação a esse grupo, mas, entendemos a dificuldade desses sujeitos de participarem de práticas psicomotoras em outros ambientes, seja pelo excesso de atendimentos multidisciplinares que já realizam ou pela falta de serviços de Psicomotricidade de qualidade com custo acessível à classe popular. Como são poucas vagas para participação, nesse projeto, especificamente, o público foi delimitado por esse critério (ser estudante atendido pelo Napne), entendendo que dificilmente esses estudantes têm acesso ao serviço de Psicomotricidade fora do espaço escolar, mesmo que no contexto clínico.

ISSN: 2358-8829

Nesses dois anos de atuação, as vivências psicomotoras foram surpreendentes e reavaliadas a cada encontro semanal, de forma que revisitássemos nossos saberes e fazeres constantemente a partir do vivido com cada participante. Assim, o projeto também foi se constituindo como um observatório de práticas psicomotoras no contexto educacional, nos levando a ampliar pesquisas e estudos na área.

Apesar de atendermos crianças e pré-adolescentes com diferentes necessidades específicas, para este trabalho, houve o recorte do olhar para as práticas realizadas com estudantes com TEA, sendo esse o público mais constante nas sessões.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do estudo em questão, utilizamos a abordagem qualitativa, através de relatos de experiência e pesquisa bibliográfica, como resultado de uma pesquisa cartográfica e narrativa. Ressaltamos que os encontros com as crianças não foram planejados com o intuito de pesquisar. A pesquisa nasceu a partir do vivido em cada encontro, do desejo de buscar respostas e reflexões e de ampliar conjuntamente os estudos sobre os acontecimentos de cada sessão, alimentando o *porvir* no decorrer do projeto, o que nos levou à pesquisa cartográfica, que, em ciencias humanas, é um método de pesquisa-intervenção em que não se busca apenas desenhar um mapa fixo, mas, sim, acompanhar processos, fluxos de forças, transformações e a produção de subjetividades em um determinado território ou grupo, com base na Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari (2011). Para esses filósofos, esse método é uma postura ética mais do que uma metodologia rígida.

É nesse método de pesquisa que, de acordo com Soares (2022), a Psicomotricidade deixa de ser vista apenas como um atendimento clínico ou educacional focado exclusivamente no desenvolvimento motor e passa a ser aplicada sob a lente cartográfica, em grupo, na qual o corpo em movimento passa a ser um dispositivo de análise. Junto a esse processo, as narrativas ganham espaço e viés metodológico para o registro e a reflexão do vivido, pois, como nos aponta Guedes e Ribeiro (2019), é uma abordagem qualitativa que investiga as experiências humanas através do relato, valorizando a singularidade, a alteridade e o vínculo entre pesquisador e pesquisado.

Para tanto, na pesquisa apresentada neste texto, o trabalho de supervisão das práticas psicomotoras é realizado constantemente como metodologia do projeto

ISSN: 2358-8829

desenvolvido com o intuito de rever, avaliar e planejar os encontros. Por isso, entre uma sessão e outra ou em encontros marcados periodicamente em outros dias da semana, trocamos impressões, percepções e ideias sobre o vivido e possibilidades a viver. Assim, os registros escritos, fotográficos e audiovisuais e os diálogos são constantes, o que resulta em um material robusto de análise de relatos dos atendimentos.

Foi com essa intenção que, desde sua implantação, houve o cuidado de ter a autorização de todas as famílias para que pudéssemos fazer registros de fotos e filmagens e para uso do material desenvolvido para trabalhos científicos e acadêmicos, preservando a identidade dos estudantes e familiares envolvidos.

Nesse percurso, também optamos por nos referirmos aos estudantes citados em relatos por nomes inspirados pelos afetos gerados a cada encontro. Nessa perspectiva, os relatos recortados para este texto referem-se aos seguintes sujeitos: Lua Cheia, Borboleta, Fortaleza, Nuvem, Brisa Suave, Estrela Cadente, Tempestade, Bem-te-vi e Passarinho.

REFERENCIAL TEÓRICO

São muitos os referenciais teóricos que nos constituem no campo da Psicomotricidade, considerando ainda as interfaces com as outras áreas de conhecimento já citadas. Contudo, algumas obras contribuíram diretamente e de forma mais incisiva nas discussões específicas sobre esse projeto. Selecionamos algumas que aqui consideramos como referencial teórico de base, contudo, sem deixar de destacar que há uma trajetória de estudos e pesquisas bibliográficas que desencadeiam nos referenciais aqui apresentados e que dialogam diretamente com as obras citadas.

A obra de Levin (2024), *Existe o autismo na infância? Ninguém sabe o que podem as infâncias quando gritam*[6], psicomotricista argentino, nos atravessou profundamente. O autor, inspirado na Filosofia da Diferença e em todo o seu conhecimento sobre Psicomotricidade, nos provocou a revisitar a relação com as crianças com TEA. Encontramos em seus escritos relatos e reflexões bem condizentes com o que fazíamos nas sessões e o que buscávamos em nossas discussões sobre o vivido.

Ao questionar a importância do diagnóstico na relação com essas crianças, o autor apresenta a beleza do encontro na cumplicidade entre o psicomotricista e a criança. Ele

[6] Tradução das autoras. Título original: *¿Existe el autismo en la niñez? Nadie sabe lo que pueden las infâncias cuando gritan*

ISSN: 2358-8829

reforça a importância do brincar, do jogo simbólico e da valorização do que emerge da alegria de viver cada momento da sessão. Em suas reflexões e relatos, a subjetividade do trabalho realizado ganha robustez técnica e científica no campo da Psicomotricidade sem tirar o foco da importância dos afetos, da subjetividade do vivido, da necessidade de se entregar corporalmente nas propostas e da coragem de se permitir aprender com cada relação vivenciada. Levin (2024) nos apresenta casos clínicos, contudo, sua contribuição também é pertinente no campo educacional.

A obra clássica de Lapierre e Aucouturier (2004), *A simbologia do movimento: Psicomotricidade e Educação*, aponta para a prática psicomotora no ambiente educacional, no diálogo com a Psicanálise, a Educação e a Filosofia. Ainda atual, essa obra traz apontamentos sobre o olhar psicomotor e as intervenções no cotidiano escolar com crianças do Ensino Fundamental. Temas como a agressividade, a regressão, as diferentes linguagens (verbais ou não), a ludicidade e o uso de materiais como objetos relacionais pelos sujeitos envolvidos, sempre na relação consigo, com os outros e com o ambiente, são fundamentadas por eles e contribuem com reflexões de base para repensarmos constantemente as práticas vivenciadas.

O filósofo indígena, Ailton Krenak (2022), nos inspira com a obra *O futuro é ancestral*. Esse autor não aborda diretamente o tema da Psicomotricidade, mas apresenta a existência humana na relação com o ambiente natural e com outros sujeitos, nos convidando a nos envolver em uma rede de relações afetivas e naturais do humano. Provoca a rever o termo (des)envolvimento social, defendendo a relação cósmica entre todos os viventes e os ambientes naturais e a retomada de saberes ancestrais para resgatar valores essenciais com base em cosmovisões voltadas para o respeito à diversidade de formas de ser e agir no planeta. Com isso, a questão do olhar para as diferenças e de outros paradigmas entre humanos, consigo mesmo, com outros seres e elementos e fenômenos naturais amplia a dimensão relacional que os sujeitos podem e devem estabelecer no cotidiano, o que vai ao encontro dos preceitos e da base do trabalho com a Psicomotricidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os textos narrativos têm contribuído para relatarmos as experiências no entrelaçamento de saberes técnicos sobre a Psicomotricidade com os afetos que emergem

e o olhar psicomotor presente nas práticas vivenciadas. Assim, a narrativa surge no enlace da poesia com a prosa, pois é permeado pela intensidade dos afetos que circulam e nos alimentam a cada encontro e a cada reflexão do mesmo. Nossos corpos relatam em presença, se implicam e se revelam na construção textual.

Nessa perspectiva, percebemos crianças que encontram nas práticas psicomotoras o lugar para simplesmente serem o que são; onde o espaço e o tempo são ressignificados. É assim que Borboleta, a menina isolada por ser diferente e delicada, é silenciada, mas, na prática psicomotora, com traços leves e firmes, deixa seu pensamento fluir no papel. Enquanto tudo é grito e os divergentes transtornos alvoraçam a gurizada, a arte revela as suas potencialidades. De repente, uma bola bate forte e traz de volta Fortaleza, a garota do desenho, que viajava pelas cores, formas e linhas cartográficas, sinalizando caminhos entre tantas diversidades. Ela reclama, xinga e pisa forte. E a Nuvem, criança jogadora de futebol, que ensaia o gol e tudo derruba, corre pela sala, dribla, se espalha. Diante da trave improvisada por duas cadeiras, ela sapateia, apruma e, como craque, acerta mais uma e comemora. Livre, ela brinca. Um outro menino vê e logo quer participar. E bolas azuis, verdes e vermelhas voam pelo céu da sala. Enquanto isso, do outro lado, uma cabaninha é construída. Juntam-se três tatames, alguns panos coloridos, muita criatividade e pronto! O espaço agora já pode abrigar histórias, explosões de emoções e corpos cansados. Há também aquele que entra na caixa e sente-se protegido. Um corpo que precisa de contorno. Se esconde, aquieta. Sai, ri, vai e volta. Leva uma lanterna para se achar. Brisa Suave chega desanimada. Seu corpo está exausto. Foi dia de avaliação e se pergunta... avaliar o quê? Não sabemos responder. E, antes de se recolher, envelopada e acolhida pelos tecidos, ela pede para colocarmos uma música e a canta assim: “não adianta me procurar. Em outros timbres, outros risos. Eu estava aqui o tempo todo. Só você não viu” (PITTY, 2005, s/p.). Naquela sala todos os corpos, que diante de outros olhos não são vistos, ali não são invisíveis. Eles são sentidos, observados, percebidos, respeitados. E se é para pedir música, as batidas do *Rap* preenchem o espaço quando Bem-te-vi decide declamar alto e em bom tom os versos da canção que fazem sentido ao seu coração. Em outro canto, a Estrela Cadente, uma criança agitada, libera sua agressividade reprimida, mas também se concentra ao montar as peças do quebra-cabeça. Ela viaja pela galáxia, por entre o sol, a lua e os planetas na imagem que vai se formando, peça por peça. E, na poesia da música, também nos reconhecemos como *viajores*: “Vem me levar para um lugar longe daqui. Livre para navegar no espaço sideral, porque sei que sou semelhante

ISSN: 2358-8829

de você, diferente de você, passageiro de você, à espera de você." (ANTUNES, 2007, s/p.). Um choro chama a atenção de todos. O que diz a voz das lágrimas? Ela quer ser ouvida, vista, incluída. É o seu grito! E a criança nos pega com suas mãos dali e daqui. Com as fantasias, seu mundo ganha vida e novas possibilidades reverberam entre nós que também compomos seu imaginário simbólico. Personagens se revelam no pequeno espaço e, em breve tempo, revestem pensamentos e sentimentos.

Com esse relato, ressaltamos que lá, nas práticas psicomotoras, é lugar seguro para deixar falar sem palavras as dores que acumulam no peito. É assim: uma criança pinta, outra brinca, aquela canta, a menina grita e a outra cochila. Tudo pode acontecer na mesma sessão ou se revelam entre sessões no decorrer do dia ou de dias, no qual cada ação é acolhida e valorizada como legítima e importante de ser vivida, mas sempre dentro de três regras inegociáveis: cuidar do seu próprio corpo, cuidar do corpo do outro e cuidar do ambiente e de tudo que há nele (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 2004).

Os movimentos dos corpos se espalham e a Natureza faz a sua parte quando o cheiro do alecrim exala o convite para a criançada experimentar novas texturas e aromas. A argila e água modelam vivências ricas e inesperadas nas mãos que batem. A paleta de cores naturais da beterraba, da acerola, da terra e do café ganham novos sentidos.

Os elementos naturais são bem presentes nas práticas psicomotoras. Somos Natureza e percebemos nas crianças o desejo inato de se afiliarem com os elementos naturais (WILSON *apud* SCHAEFER, 2024). Nessa lógica, ervas como alecrim, camomila e erva cidreira, dentre outras, fazem parte das vivências, para que as crianças possam brincar, experimentar, sentir e criar poções cheias de lambança e magia. Nesse contato, elas se encantam, se acalmam, se concentram... Por vezes, correm pela sala e, em seguida, sentam-se junto a esses elementos novamente. Algumas ficam mais tempo, outras passam rapidamente, mas não tem quem não queira viver essa experiência.

Tempestade aguçou em nós essas vivências com elementos naturais. Ela nos mostrou ser uma menina forte, decidida e corajosa, que chegou de mansinho e, aos poucos, foi deixando suas marcas. Com seu jeito robusto, mostrou saber o que queria e assim abria brechas no tempo para renovar ares e possibilidades. Com suas águas, misturava elementos da Natureza, ressignificando a terra, a argila, criando o "faz de conta". A nós, vinha a pergunta: o que vai acontecer? Tempestade anunciava que seria do jeito dela. Por vezes, não superava os ruídos das trovoadas gerados por algumas canções, mas, quando asserenada pelo cheiro de uma folha de louro, até cantava baixinho e gostava

ISSN: 2358-8829

do tilintar das notas suaves em melodias harmoniosas. Tempestade deixava o pensamento vagar, desenhando no espaço traços coloridos que revelavam seus personagens preferidos. Com ela tudo era movimento. Soprava e cheirava aqui e acolá. Tempestade renovava, inspirava, captava de nós o melhor, fertilizava as ideias e alimentava os mananciais de vida.

Não ditamos o que fazer, com quem ou como. E quando as cortinas do palco precisam ser fechadas, o belíssimo espetáculo que ficou registrado na memória deixa novas marcas impregnadas nos corpos pulsantes, potentes. E fica a pergunta para quem ousa responder: o que podem esses corpos? O que podem os seus gritos mesmo que silenciosos? (LEVIN, 2024).

Esses relatos revelam o estado dos nossos corpos nessa relação, porque nos implicamos, brincamos juntos, gargalhamos, engasgamos na emoção, mas sem deixar nosso lugar de psicomotricistas. Somos cúmplices, confluímos saberes, desejos e emoções, mas nos mantemos alertas, em presença, para sustentar o que emerge, intervir, propor, acolher. Como nos diz Krenak (2022, p. 40-41), “Ao contrário do que estão fazendo, as confluências evocam um contexto de mundos diversos que podem se afetar”.

Nós, adultos em cena, buscamos confluir ao nos presentificarmos na entrega do brincar e na atenção do cuidado e da sensopercepção que o psicomotricista precisa ter. A sensopercepção é fundamental na intervenção psicomotora, pois trata da condição humana de captar, processar e interpretar estímulos sensoriais presentes no ambiente como na relação com o próprio corpo; se baseia em um estado de cumplicidade, escuta ativa do corpo em presença, mesmo que sem palavras.

Diante dos acontecimentos presentificados, corpos revelam a alegria de poderem ser o que são, se fortalecem na potência desse sentimento, se abrindo também para os desafios que o brincar sozinho ou em grupo convidam. Então ousam, criam, se superam, expõem o que sentem e o que querem e são ouvidos, valorizados, acolhidos. Assim podem ser o que são, sem precisar performar outras formas de agir e ser para agradar os outros. Nos nossos encontros, essas crianças são dignamente legitimadas no que elas são. E sempre com base no brincar!

Assim, também nos encontramos com Lua Cheia, uma criança que nos ensina a vivência dos ciclos. Como diz Santos (2023, p. 22), “Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim". Ela é cheia, viva, intensa. Quando chegou no nosso céu, veio arrastando tudo que estava à sua frente, feito maré alta, impulsionada

ISSN: 2358-8829

pela força potente que envolve seu corpo. Sua forma revela o gosto (tudo bem circular). Bambolês que giram, bolas que rolam, caminhos que dão voltas... Ela conecta olhares redondos. Lua Cheia vem clareando os caminhos psicomotores, guiando passos, sinalizando escolhas, revelando o momento da colheita. Semeamos liberdade, colhemos brincadeiras, sorrisos e afetos. Lua minguante cresceu, encheu, nova possibilidade. Fases, momentos, encontros. Faces de um sujeito. Lua Cheia, que antes chegava pesada, com movimentos bruscos e intempestivos, hoje é leve, sopra bolas de sabão no ar com delicadeza, pinça pequenos bonecos ou os enfileira, enquanto sorri graciosamente para os seus próprios pensamentos; olha para outra criança e interage, mesmo que por pouco tempo. Se faz presente, se apresenta, se posiciona, como o brilho do luar. Hoje essa lua verbaliza algumas palavras, ensaia escritas enquanto brinca com as letras, mas o que mais nos encanta é sua alegria, o equilíbrio de suas emoções em seu corpo com movimentos organizados, tranquilos e desejosos de novas aprendizagens.

Também tem o Passarinho. Uma criança que chegou nas pontas dos pés. Tudo viu. Em busca de aconchego, voou. E como se viesse da escassez de afetos, quando viu a água, se encharcou. Bateu suas asas com tanta alegria, se refrescou, sentiu, sorriu, brincou. Depois em busca do ninho, se aninhou. O Passarinho ensaia voos e aterrisagens a cada encontro. Sem palavras, conversa com suas expressões corporais, com o olhar, com o desejo de colo, de se aninhar. Seus olhos nos contam muitas coisas e assim planejamos o que ofertar em novos encontros, dia após dia, com o que esse corpo nos revela gostar.

Esses relatos não falam só de crianças, mas também de como elas são percebidas e vivenciadas em nossos corpos durante as práticas psicomotoras. Fala do nosso olhar psicomotor, do nosso fazer e da alteridade e da qualidade dos encontros. Elas nos alteram, somos outras. Nos entregamos ao não saber e ao sabor de Lua Cheia, Borboleta, Fortaleza, Nuvem, Brisa Suave, Estrela Cadente, Tempestade, Bem-te-vi e Passarinho, como de tantas outras crianças e pré-adolescentes, seres Natureza, que nos atravessam nesses encontros. Sofremos e comemoramos juntas. Dançamos as músicas que sequer conhecemos, mas com a certeza de que nos enchem de alegria e de força.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar em Psicomotricidade é falar de corpo em um sentido bem amplo. Corpo viajor do tempo, autor da própria história, que revela a cada momento a alteridade,

ISSN: 2358-8829

guardando na memória afetos e dores, independentemente da idade. Corpos ameaçados, corpos femininos, submissos, abatidos, cansados, aprisionados. Corpos de crianças autistas que insistem em performar outras formas de ser que não são suas para agradar dentro de um padrão hegemônico de existir e assim serem aceitos por quem amam. Como será viver forjando o que se quer realmente viver? O que esses corpos reprimem para serem aceitos? Levin (2024) nos fala que lágrima tem voz. O que teriam dito as lágrimas se recolhidas pelos caminhos da face? O que dizem esses corpos cerceados em seus movimentos? O autor afirma que podemos ver o corpo invisível, ouvir o corpo silenciado, sentir o corpo reprimido através do olhar e do fazer psicomotor.

Krenak (2022) nos convida a resgatar o contato com a nossa essência, através de vivências, experiências e circularidades. Assim o corpo castrado pode e deve se movimentar, chorar, acreditar, falar, relacionar-se consigo, com o outro, com o mundo. O que antes era calado agora pode ser dito mesmo sem palavras e, de tão potente e talentoso, o que emerge precisa ser preservado. Essas possibilidades são objetivos das práticas psicomotoras, que acontecem em um ambiente escolar que, muitas vezes, em seu cotidiano, não permite tais expressões.

Estamos falando de corpos curiosos, que não podem (e não devem) ser moldados. Porque, ao corpo liberto das amarras do ontem impotente, a Psicomotricidade não é indiferente. Traz as lentes limpas de preconceitos, não tem um dicionário arquivado que classifica gestos, atos, hábitos, nem tampouco imposto. Tem um olhar afetivo, livre dos ciscos da prepotência. Não usa lentes retorcidas, sujas de digitais que ditam o que ser ou fazer, nubladas pela ignorância.

O psicomotricista aprende na sua formação que ler nas entrelinhas é função primordial. Ser psicomotricista, nesse tempo da humanidade, é humanizar, naturalizar e não normalizar, é estar atento ao sorriso, ao olhar, observar e perceber a beleza contida nas miudezas, o bom encontro com presença e o poder da Natureza, da arte, da dança e da música que liberta mãos e corpos, pensamentos e sentimentos; o movimento sutil (ou não); o ritmo. É movimentar corpos e saberes; energias que percorrem e preenchem os espaços e, quando o corpo parece entrar em colapso, nada melhor que um bom abraço. Um respiro, um alento em meio ao caos; e um convite bem simples de fazer: você quer brincar comigo?

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Psicomotricidade; Transtorno do Espectro Autista, Relato de experiência.

REFERÊNCIAS

ABP, Associação Brasileira de Psicomotricidade. **Sobre**: A Psicomotricidade. Rio de Janeiro, [2026]. Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2026.

ANTUNES, Arnaldo. Contato imediato. *In*: ANTUNES, Arnaldo. **Ao vivo no estúdio**. Direção de Marc Lofi. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2007. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes/794149/>. Acesso em: 29 out. 2026.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

GUEDES, Adrianne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. Revelar-se ou ocultar-se? Apontamentos para pensar uma pesquisa educativa. In: GUEDES, Adrianne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LAPIERRE, Andre; AUCOUTURIER, Bernard. **Simbologia do movimento**: Psicomotricidade e Educação. 3. ed. Curitiba: Filosofart, 2004.

LEVIN, Esteban. **¿Existe el autismo en la niñez?**: nadie sabe lo que pueden las infancias cuando gritan. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2024.

PITTY. Na sua estante. In: PITTY. **Anacrônico**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2005. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/pitty/249552/>. Acesso em: 29 out. 2026.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

SCHAEFER, Katia Bizzo. Psicomotricidade e natureza: a tecitura de um *corpo raiz*. In: THOMPSON, Rita; SOARES, Ângela Mathylde; FONSECA, Vitor da; BOTTINI, Pablo; LÁZARO, Alfonso. **Tratado de Psicomotricidade**. São Paulo: Booktoy, 2024 [cap. 38].

SOARES, Etelvina Maria França. Psicomotricidade no coletivo: um dispositivo para a análise cartográfica. *In*: ALVES, Fátima (org.). **Guia de psicomotricidade**: elos psicomotores que promovem vínculos afetivos entre as pessoas. Rio de Janeiro: Wak, 2022. p. 103-118.